

## “A Santa da Ladeira das Pedras”: A Devoção a Isabel Maria da Conceição no Ceará

### “Santa da Ladeira das Pedras”: The Devotion to Isabel Maria da Conceição in Ceará

Michelle Ferreira Maia<sup>1</sup>

**RESUMO:** Neste artigo analisamos o processo de formação da devoção a Isabel Maria da Conceição em Guaraciaba do Norte, Ceará. Apresentamos as características que fundaram a crença em sua santidade popular. A devoção foi iniciada a partir de sua morte, quando foi assassinada em 11 de outubro de 1929 pelo marido Antônio Raimundo Nonato da Silva na serra de Reriutaba. Isabel Maria da Conceição é conhecida como a santa das “mulheres espancadas e traídas” o que nos permite discutir sobre o processo de apropriação da sua morte a uma causa: a da luta contra a violência contra as mulheres. Abordamos como o espaço da morte foi resignificado enquanto lugar de memória e de manifestações religiosas e populares da devoção. A beira do precipício, Isabel Maria da Conceição foi morta na frente do seu único filho acusada injustamente de traição. O seu corpo foi jogado serra abaixo. Desta forma, abordamos as discussões acerca dos conceitos de santidade e memória. Para a pesquisa, analisamos entrevistas com devotos, jornais que tratam sobre a morte e devoção da Milagreira, fotografias e principalmente os ex-votos encontrados na Capela.

**Palavras - Chave:** Memórias. Assassinato. Devoção. Milagreira

**ABSTRACT:** In this article we analyze the formation process of devotion to Isabel Maria da Conceição in Guaraciaba do Norte, Ceará. We present the characteristics that founded the belief in his popular holiness. Devotion was initiated from her death, when she was murdered on October 11, 1929 by her husband Antônio Raimundo Nonato da Silva in the Serra de Reriutaba. Isabel Maria da Conceição is known as the saint of “beaten and betrayed women” which allows us to argue about the process of appropriating her death to a cause: that of the fight against violence against women. We approach how the space of death has been reframed as a place of memory and of religious and popular manifestations of devotion. On the edge of the precipice, Isabel Maria da Conceição was killed in front of her only son who was unjustly accused of treason. His body was thrown down the mountain. In this way, we approach the discussions about the concepts of holiness and memory. For the research, we analyzed interviews with devotees, newspapers that deal with the death and devotion of Milagreira, photographs and especially the ex-votos found in the Chapel.

**Keywords:** Memories. Murder. Devotion. Miracle

---

<sup>1</sup> Graduada Em História Pela Universidade Estadual Vale Do Acaraú, Sobral, Ceará Mestre Em História Social Pela Universidade Federal Do Ceará, Fortaleza, Ceará. Doutoranda Em História Pela Universidade Federal Da Grande Dourados, Mato Grosso Do Sul. Bolsista Capes.



## 1. A BELEZA E ACUSAÇÃO: O CABELO!

Isabel Maria da Conceição era uma mulher simples pela posição social, pobre e anônima, completamente desconhecida para muitos de seus contemporâneos e permaneceria assim até a sua morte. Procuramos discutir os critérios que fundaram a devoção à santa popular. Afinal, em que fatos está assentada a devoção? Como ela é vivenciada? Qual é a identificação dos devotos com Isabel Maria da Conceição? Quais os espaços da devoção?

A primeira hipótese é que a morte violenta, e ocorrida com requintes de crueldade, foi o episódio que tirou as suas vestes da invisibilidade de mulher comum e a vestiu para o centro da piedade popular. Isabel Maria da Conceição foi esfaqueada na frente do seu único filho na beira de um precipício, acusada de traição pelo cônjuge, e o seu corpo foi jogado pelo assassino no abismo da serra de Guaraciaba do Norte.<sup>2</sup>

A morte não significou que a história pregressa de Isabel Maria da Conceição fosse conhecida; as lacunas sobre ela se seguiram até o nosso presente. De fato, a sua fragmentada biografia cedeu espaço para a rica hagiografia sobre seus milagres. Para compreender o contexto da morte de Isabel Maria da Conceição, abordamos outras mortes de mulheres assassinadas pelo seu companheiro, pontuando que morrer pelas mãos de um homem era mais um crime passional e comum diante de tantos outros ocorridos no Brasil.

Além disso, analisamos de que forma os crimes que envolvem traição estão presentes no século XIX e XX, estudo possível pela literatura que abordou o período e nos permitiu vislumbrar uma mentalidade masculina sobre a traição feminina. Os casos de assassinatos envolvendo cônjuges em Guaraciaba do Norte não ficou restrito ao caso de Isabel Maria da Conceição, embora ela seja a imagem maior da mulher vitimada violentamente pelo marido.

A nossa segunda hipótese está baseada na identificação das mulheres com a devoção a Isabel Maria da Conceição. As esposas e mães são as que compõem a maior parte da devoção, característica que aproximou a devoção pública ao espaço privado do lar, e também contribuiu para a imagem da santa popular ser relativamente aceita por parte dos representantes do clero de Guaraciaba do Norte e Reriutaba.

As memórias sobre Isabel Maria da Conceição estão condicionadas no presente à sua imagem de santa popular protetora principalmente das mulheres. É na construção das memórias sobre a santidade da santa das mulheres que observamos a reflexão do autor Raphael Samuel sobre como: “[...] a memória [...] tem, estampadas, as paixões dominantes em seu tempo”. (SAMUEL, 1997. p. 42). A luta no combate contra a violência à mulher pode ser compreendida nas entrelinhas do discurso da titulação da santa.

---

<sup>2</sup> A cidade de Guaraciaba do Norte está localizada na serra da Ibiapaba, a aproximadamente 299 km de Fortaleza. Sua população estimada em 2014 era de 38.995 habitantes. Dados disponibilizados no site <http://www.opovo.com.br/ceara>.



Num primeiro momento, Isabel Maria da Conceição é apresentada apenas como a santa popular que foi morta pelo marido. Com a construção da Capela, Isabel Maria da Conceição recebeu um lugar específico para sua devoção e foi consagrada publicamente como *A mártir de Guaraciaba do Norte* e *A Santa das Mulheres Espancadas e Traídas*.

A devoção começou com peregrinações no lugar onde ela foi assassinada, já que é desconhecido pelos contemporâneos o lugar de sua sepultura. Posteriormente, apenas uma Cruz marcava o lugar onde ela foi morta. Com a construção da Capela, a edificação do espaço simbólico destinado ao culto de sua imagem de milagreira só foi possível graças aos auxílios financeiros aportados pelo Deputado Estadual do Ceará José Theodoro Soares.

Em homenagem à santa foi pintado um retrato e redigida uma oração. De um lado, a nomeação sugere a apropriação do assassinato da dona de casa como símbolo da luta contra as agressões às mulheres. Por outro lado, percebemos mais uma vez que a aceitação da devoção popular de Isabel Maria da Conceição conquistou adeptos civis, religiosos e políticos. Isto põe a questão do *(re)corte* das memórias, que apresentam as paixões e interesses de seu tempo.

É importante dizer que tudo que foi produzido nos jornais sobre a vida de Isabel Maria da Conceição foi posterior à sua morte, e já compreendia e divulgava a sua imagem de concessora de milagres. Inclusive, o foco da narrativa jornalística concentra-se na sua morte. Mais um sinal de como o seu passado é ignorado.

Sabe-se que Isabel Maria da Conceição nasceu em 1901, em Guaraciaba do Norte, Ceará, filiação desconhecida. Comenta-se nas narrativas que mulher era dona de casa, esposa e mãe, e apresentava uma beleza particular, atributo que lhe distinguia: “[...] era uma mulher muito bonita!”.<sup>3</sup>

A descrição da beleza tanto nos jornais quanto na oralidade está associada indiretamente ao crime. A formosura que atraiu o ciúme incomum faz parte de uma memória homogênea sobre a motivação do assassinato: “[...] Isabel Maria da Conceição (1901-1929), que trazia a brandura e a formosura de cada nome seu, casou-se com Antônio Raimundo Nonato da Silva, marido desconfiado que tinha ciúmes até dos cabelos longos da mulher”. (O POVO, 2011. p.1)

Segundo o que foi publicado pelo jornal *O Povo*, o ciúme infundado do marido recebeu um alibi, ou foi alimentado quando a esposa: “Um dia, afoitou-se: alterando um pouco a rotina, cortou os cabelos. Raimundo cismou com a novidade. Imaginou uma traição e acreditou mortalmente que Isabel havia cortado os cabelos para a satisfação do amante”. (O POVO, 2011. p.1)

---

<sup>3</sup> CARVALHO, Maria do Carmo de Araújo. 51 anos. Secretária da Paróquia Nossa Senhora dos Prazeres em Guaraciaba do Norte. Residente na Rodovia Dep. José Maria Melo n.º 47, Bairro Centro. Entrevista realizada no dia 01 de Abril de 2013 na secretaria da Paróquia.

## 2. O CRIME: A CRUELDADE E IMPUNIDADE NA CONSTRUÇÃO DA SANTIDADE POPULAR.

A imaginação da desconfiança foi o estopim para que Antônio Raimundo Nonato da Silva desse cabo da vida de Isabel Maria da Conceição, que tinha apenas 28 anos, quando “[...] foi espancada e morta pelo marido, conhecido como Zé Passarinho, que tinha ciúmes de sua beleza”. (FOLHA.com, 2003) O homicídio aconteceu fora do ambiente familiar. Os indícios de um assassinato premeditado estariam no lugar escolhido pelo assassino:

Em pleno desvario, armou-se com uma faca, pôs a cangalha no jumento, fez Isabel e o menino de carga e desembestou para os altos da Ladeira Grande. Encoberto pela serração daquela hora funesta, Raimundo esfaqueou Isabel até que existissem apenas os gritos e o choro do filho que assistia à morte da mãe. Rebolou o corpo no vão da serra e sumiu pela cerração. (O POVO, 2011. p.1)

A Ladeira Grande era a serra localizada entre os municípios de Guaraciaba do Norte e Reriutaba. O lugar onde Isabel Maria da Conceição foi assassinada fica a aproximadamente 30 km de Guaraciaba do Norte. De um lado, a estrada; de outro, o abismo. A vítima fora surpreendida, e lhe restou ficar sem defesa; foi esfaqueada e morreu no próprio local, na presença do filho de três anos.

O fim dado ao cadáver pelo agressor fabricava ainda mais o suplício de Isabel Maria da Conceição: o assassino arriscou se desfazer do corpo, que ferido e ensanguentado foi jogado, situação também explorada pelo Jornal a *Folha.com*. “Depois, ela foi jogada por ele em um penhasco, mas seu corpo teria ficado preso em uma árvore, que, segundo a crença popular, continuaria intacta até hoje [...]”. (FOLHA.com, 2003)

O cadáver, salvo do precipício pela árvore, é um dos fatos extraordinários na cena do crime. O singular é narrado por muitos devotos, o significado simbólico reside na comprovação na santidade de Isabel Maria da Conceição, que mesmo com o cabelo cortado conseguiu prender-se na árvore por ele. Outro episódio serviria como base para incentivar a santidade de Isabel Maria da Conceição. O filho do casal tinha sido levado junto com sua mãe em um jumento para a cena do crime, e após o fatídico acontecimento, permanecido em cima do animal, foi abandonado pelo pai, que após desfazer-se do corpo, fugiu.

A cena do menino desprotegido e indefeso em um caminho perigoso, sujeito aos perigos do precipício da serra e do tráfego de carros comoveu os ouvintes do percurso. Segundo o depoimento oferecido pelo Padre Emídio (que na época da entrevista era Pároco na Cidade de Reriutaba) ao jornal *O Povo*, a criança retornou sã e salva, acompanhada apenas pelo jumento até a sua casa em Guaraciaba do Norte. A pergunta principal era compreender de que forma o pequeno conseguiu retornar, apenas um milagre explicaria o incompreensível?

Dali a Reriutaba, a crença na finada Isabel se multiplica. Padre Emídio Gomes, vigário



do município, até concorda que a dona de casa se tornou “uma santa canonizada pelo próprio povo”. Reconhece o extraordinário no fato de o jumento, depois que Raimundo matou Isabel, ter trazido o filho do casal a salvo de volta para casa, “uma criança de três anos e pouco, sozinho, cerca de 30 quilômetros”. (O POVO, 2011. p.1)

Antônio Raimundo Nonato da Silva ficou livre, e a morte de Isabel Maria da Conceição impune, ainda conforme o Jornal *O Povo*: “Depois do assassinato, Raimundo foi preso, mas fugiu da cadeia. Não souberam mais dele”. (O POVO, 2011. p.1)

Antônio Raimundo, o filho, órfão de mãe e sem contato com o pai foragido, cresceu e constituiu família. O Padre Emídio, que foi seu pastor e confessor durante 20 anos, descreveu que: “[...] o filho de Isabel viveu da roça, alimentou 12 filhos, era “bem casado”. (O POVO, 2011. p.1) Conseguiu distinguir-se do pai.

Conforme o Padre Emídio, Antônio Raimundo “nunca esqueceu a mãe gritando (quando ele tinha apenas três anos) e o medo que passou em cima do jumento” (O POVO, 2011. p.1), a memória traumática do assassinato da mãe é compreendida como a motivação para ter cometido o suicídio “aos 80 e poucos anos”. O paradeiro do assassino de Isabel Maria da Conceição sempre foi desconhecido em Guaraciaba do Norte e Reriutaba, e o filho nunca mais voltou a ver o pai. A crença na santidade de Isabel Maria: “[...] nasceu logo depois de sua morte”. (FOLHA.com, 2003)

Na entrevista do Padre Emídio ao Jornal *O Povo*, observamos que sua cordialidade e compreensão ao falar a respeito de Isabel Maria da Conceição é determinada pela sua proximidade com a devoção. Acompanhou indiretamente os pagamentos de promessas via intenções de missas em homenagem à santa popular, as procissões à capela e o vislumbre dos diversos ex-votos existentes em seu interior, por fim, foi testemunha ocular da construção da devoção. Além disso, foi o confessor do filho de Isabel.

Ao reconhecer o poder milagroso da santa e o extraordinário no retorno do menino a Guaraciaba do Norte, o pároco proporcionou a sua opinião particular, que se opõe, nas entrelinhas, ao seu discurso à instituição a qual pertence. A Igreja Católica, de forma geral, desconsidera e reprova as práticas populares e os cultos, como o que ocorre a Isabel Maria da Conceição. Devoções geralmente compreendidas como credices, fruto da ignorância do povo, afinal, segundo Solange Ramos de Andrade: “a Igreja católica arroga para si a capacidade divinamente orientada, de discernir, de tempos em tempos, se esta ou aquela pessoa está entre os eleitos”. (ANDRADE, 2008. p. 242)

O Padre Raimundo Nonato Lúcio, que foi vigário de Guaraciaba do Norte durante oito anos, por sua vez, afirmou à *Folha de São Paulo*, que acredita “que ela seja santa”. (FOLHA DE S. PAULO, 2010) Indicando-nos que é outro sacerdote que credita credibilidade à imagem da santa, pontuando que partilhou de uma convivência pacífica e respeitosa com o culto popular na cidade.

Opinião que não é preponderante, na mesma reportagem publicada em 2003, que foi intitulada de *Padres da cidade divergem sobre a santidade*, o Frei Gerardo, que era um dos responsáveis pela



paróquia de Guaraciaba do Norte desde 2001, relatou sua discordância ao culto a Isabel Maria da Conceição e a “dúvida da possibilidade de milagres intermediados por santos populares”. (FOLHA DE S. PAULO, 2010) Conforme Muniz, os pontos de vistas dos homens estão “[...] mergulhados em seu cotidiano”, quando percebem que “fazem parte de algo mais grandioso, que são peças em uma engrenagem social complexa”. Por essa razão, a compreensão sobre o julgamento dos padres sobre o culto popular devem ser entendida enquanto uma verdade relativa ao tempo, lugar e contexto. (JÚNIOR, p.72)

Desse modo, evidenciamos que o tempo em que os padres conviveram com o culto determinou as opiniões positivas ou negativas sobre a devoção a Isabel Maria da Conceição. No julgamento popular acerca da santidade da santa canonizada pelo povo, os critérios avaliados são diferentes. É a sensibilidade com a sua morte, interpretada como impiedosa e sofrida, que a dignificou.

Rosa Fontenelle Sousa acredita que a santidade da mulher reside no fato que “ela foi muito sofrida, o marido judiou muito com ela até que matou [...]”<sup>4</sup>. Na interpretação de Tereza, o sofrimento da morte e o abandono do corpo a salvaram: “ela sofreu muito, eu sei que o marido dela jogou ela lá em baixo do abismo”. (FOLHA DE S. PAULO, 2010)

A morte sofrida é a única versão e interpretação sobre o fim de Isabel Maria da Conceição. A senhora Alice Maria de Mesquita considerou a morte como um martírio: “Me contaram que [...] ela morreu na era de vinte. Tinha sido o marido dela que fez isso. [...] eu sempre ouvia falar que ela foi muito martirizada, foi sofrida, ela é o martírio de Jesus. O que salvou ela [...] o sofrimento dela”.<sup>5</sup>

A entrevistada é católica, condição percebida pela associação da morte de Isabel Maria da Conceição à de Jesus Cristo, refletindo que a salvação e a consagração para a santidade está no martírio. O martírio compreendido na morte de Jesus é apresentado pela sequência da traição do apóstolo Judas; a *via crucis*, quando foi chicoteado, humilhado, insultado, coroado de espinhos, julgado e condenado a morte; e, por fim, crucificado).

De acordo com Solange Andrade Ramos, a concepção inicial do mártir e, portanto, da primeira modalidade de santo, está determinada na defesa da fé cristã, quando sujeitos comuns entregaram a vida pela sua crença em Jesus Cristo. A santidade dos mártires consistia em perceber que sua morte era um verdadeiro testemunho de fé, assistido pela comunidade que viu “[...]um dia, sua morte exemplar. O martírio era o sacrifício perfeito e implicava em perfeição espiritual alcançada” (ANDRADE, 2008. p. 241), adquirindo como recompensa a santidade.

A autora acrescentou que num segundo momento a concepção de martírio foi ampliada na religiosidade católica, e assim: “[...] uma morte violenta” derivada “de uma doença grave ou um crime

---

<sup>4</sup> SOUSA, Rosa Fontenelle de. 64 anos, doméstica. Residente na Rua Francisco Eusébio, S/N, bairro Cidade Alta em São Benedito, Ceará. Entrevista realizada em fita K7 em sua casa no dia 02/06/2013 as 14:00 h.

<sup>5</sup> MESQUITA, Alice Maria de. Casada, 77 anos, aposentada. Residente na Rua Maestro Vicente Marques nº 779 em Guaraciaba do Norte, Ceará. Entrevista realizada em sua residência no dia 07 de Maio de 2014.



atroz” passou a ser considerado martírio”. Solange Andrade Ramos concluiu que: “a relação *sofrimento/santidade* é utilizada há muito tempo para justificar a ideia de purificação, presente no sofrimento”. (ANDRADE, 2008. p. 241)

As circunstâncias da morte de Isabel Maria da Conceição ofereciam algumas aproximações ao martírio de Jesus pela crueldade e frieza do assassino quando fora encurralada numa armadilha, espancada, humilhada pela acusação infundada de traição, condenada pela desconfiança do marido, esfaqueada, e o corpo supliciado jogado no precipício.

A interpretação da morte violenta e cruel está envolvida pela compreensão da morte súbita, repentina, prematura. Philippe Ariès expõe que durante milênios “a morte súbita era muito temida, não só porque nela não cabia arrependimento, como também porque privava o homem de sua morte”. (ARIÈS, 2003.p. 231)

Sobre o assunto, analisando os testamentos na Bahia do século XIX, o autor João José Reis inferiu que: “A boa morte significava que o fim não chegaria de surpresa para o indivíduo [...]”. (REIS, 1991. p. 92)

Acreditamos que a identificação das mulheres com Isabel Maria da Conceição está emaranhada pelo *arquétipo da mãe*, que cuida do lar (espaço físico), dedicada à família. Conforme o autor Carl Gustav Jung, os atributos do *arquétipo da mãe* são principalmente o “maternal”: simplesmente a mágica autoridade do feminino; a sabedoria e a elevação espiritual além da razão; o bondoso, o que cuida, o que sustenta, o que proporciona as condições de crescimento, fertilidade e alimento”.<sup>6</sup>

Cada devota se vê na dona de casa, mãe e esposa acusada injustamente de traição, assim crer na santa popular é também desejar um destino diferente ao de Isabel Maria da Conceição. Seu sofrimento serviu como exemplo para o *não sofrer*: é como se esta mulher morresse para livrar todas as mulheres do mesmo sofrimento. Para o Padre Emídio, Isabel Maria da Conceição é o símbolo da libertação feminina:

Primeiro, a libertação do sofrimento silencioso. O povo se identifica com aquele sofrimento e com o suspiro de liberdade que aconteceu[...]. Ela foi um suspiro de liberdade diante de uma cultura machista. E há uma libertação maior, que Isabel e os santos do povo significam. (O POVO, 2011. p.1)

Na interpretação do Padre, há duas libertações. A primeira seria a da mulher que sofreu do cônjuge, antes no âmbito privado, reduto da casa, padecimento silencioso e silenciado, desconhecido. Ao cortar o cabelo sem a permissão do marido, Isabel Maria da Conceição se libertou das ordens do marido, impôs a sua posse sobre seu corpo e destino. Mas do que um suspiro, a situação forjou, com sangue derramado, um desejo de liberdade do *ser mulher*.

---

<sup>6</sup> O autor define como arquétipo: “O arquétipo é um elemento vazio e formal em si, nada mais sendo do que *uma facultas praeformandi*, uma possibilidade dada a priori da forma da sua representação”. JUNG, C. G. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 91-92.



O cabelo cortado não teceu uma mudança na rotina da esposa, quebrou um padrão de comportamento, um símbolo da contestação. Uma liberdade que custou sua própria vida. O seu sofrimento, de privado, tornou-se público. A dona de casa morta pelas fachadas reviveu nas memórias sobre a história da mulher que ousou se opor ao marido, eis que é vitoriosa.

Compreendemos que a segunda libertação, sugerida pelo Padre Emídio, está referida aos santos do povo, como Isabel Maria da Conceição. Trata-se da liberdade de culto, livre dos domínios da Igreja Católica. Uma religiosidade rica pelas práticas e vivências da fé no poder miraculoso do santo popular.

Situação que reflete “a ordem efetiva das coisas”, que é “justamente aquilo que as táticas populares desviam para fins próprios” (CERTEAU, 1994. p.88), o fim da fé é a crença que seu pedido será atendido, é a necessidade dos devotos que cria a ordem da sua crença na santa popular. Os santos populares feitos pelas mãos e precisões do povo e consagrados e reconhecidos pelos seus milagres. Conforme Solange Ramos de Andrade, “para o devoto, o milagre é como o oxigênio de sua religiosidade. Sem este, o santo define e morre”. (ANDRADE, 2008. p. 253)

Outras santas populares também foram criadas, constituídas a partir de sua morte violenta. Vera Irene Jurkevics analisou o caso da santidade popular de Maria da Conceição Bueno ou apenas Maria Bueno. A mulher de cor parda foi assassinada em Curitiba no dia 30 de janeiro de 1893. Maria Bueno foi degolada na Rua Campos Gerais, o periódico ainda indicou a condição social da mulher, que seria de “vida alegre”. O assassino, o militar do 8º Regimento de Cavalaria, o paraibano Ignácio José Diniz, “amasiado com a infeliz Maria”, o réu não foi condenado, constando no processo a falta de provas”. (JURKEVICS, 2004. p. 154-155)

Segundo Vera Irene Jurkevics, as circunstâncias do crime foram um “fio condutor para o entendimento da construção de sua devoção popular”. A autora assegurou que Maria Bueno não foi “a primeira ou a única vítima de crime passional na cidade de Curitiba”, mas que o requinte de crueldade ao qual fora vítima e a impunidade do assassino contribuíram para a sua santificação popular. (JURKEVICS, 2004. p. 163)

A historiadora Sandra Jatahy Pesavento analisou o imaginário em torno de Maria Degolada, considerada santa popular. Maria Francelina tinha 21 anos e era loura, dita como alemã, e era pobre. Segundo a autora, “uma mulher do povo degolada pelo amante, o brigadiano Bruno Soares Bicudo, tipo indiático, analfabeto, de 29 anos, em 12 de novembro de 1899”. O fato era mais um crime “passional na velha cidade de Porto Alegre do século XIX [...]”. O assassino fora julgado e condenado a 30 anos de prisão celular, convertidos em prisão com trabalho.<sup>7</sup> Conforme a autora, a devoção a Maria Degolada surgiu porque “a população ficou desolada diante do bárbaro crime e começou a ir até

---

<sup>7</sup> Uma das versões analisadas pela autora é a de que o desenlace trágico de Maria Degolada, foi motivado por rumores de traição. PESAVENTO, Sandra Jatahy. “Maria degolada: a moça alegre que virou Santa”. In.: *Os Sete Pecados da Capital*. São Paulo: Hucitec, 2008. p. 345.





o local onde ela foi assassinada”. (PESAVENTO, 2008. p. 345)

Maria do Carmo, de São Borja, Rio Grande do Sul, segundo o antropólogo gaúcho Antonio Fagundes, já era cultuada nos anos 30. Segundo o autor, era prostituta, e por causa de ciúmes foi esquartejada, e seu corpo foi encontrado numa campa, meio devorado pelos cães. Não se soube quem era o assassino. (SÁEZ, 1996. p. 32.)

Os fatos que uniram Isabel Maria da Conceição a Maria Bueno e a Maria do Carmo foram a violência das mortes e a impunidade dos assassinos. A Maria Degolada, sua semelhança reside também na motivação do crime, o ciúme. Na busca de similaridade entre os casos, observamos uma linha temporal muito próxima dos assassinatos destas mulheres. Os crimes ocorreram entre o final do século XIX e o início do século XX, fazendo-nos refletir sobre a mentalidade masculina da época sobre a traição e o ciúme.

A traição da mulher e o assassinato desta pelo marido ou amante é um tema presente na mentalidade deste período. Segundo Mary Del Priore, no início do século: “o cumprimento dos papéis” consistia em “– ser bom marido e devotada esposa. Conduta dominadora e virtuosa do homem. E castidade e submissão da mulher. Se os valores tradicionais fossem ameaçados, o marido reagia”. (PRIORE, p. 12)

Sobre a traição da mulher, além dos exemplos dos crimes expostos de Maria Degolada e Isabel Maria da Conceição, outra possibilidade para a apreciação da questão, pode ser percebida na literatura brasileira que abordou o período. A exemplo, o livro do autor Jorge Amado, *Gabriela Cravo e Canela*<sup>8</sup>, onde o escritor apresentou a estória de um trágico fim de uma traição. Trata-se do romance extraconjugal de Dona Sinhazinha Guedes Mendonça, mulher de preceitos católicos e esposa do Coronel Jesuíno Mendonça, rico fazendeiro em Ilhéus na Bahia, com o cirurgião-dentista Osmundo Pimentel.

Ao descobrir que estava sendo traído, o Coronel pegou os dois em flagrante, atingindo-os com dois tiros no consultório do odontólogo. Assassinato justificado pela compreensão de que a:

honra de marido enganado só com a morte dos culpados podia ser lavada. Vinha dos tempos antigos, não estava escrita em nenhum código, estava apenas na consciência dos homens, deixada pelos senhores de antanho, os primeiros a derrubar matas e a plantar cacau. Assim era em Ilhéus, naqueles idos de 1925”. (AMADO, 1958. p. 21.)

O inusitado desfecho é a condenação do Coronel: “Pela primeira vez, na história de Ilhéus, um coronel do cacau viu-se condenado à prisão por haver assassinado esposa adúltera e seu amante”. (AMADO, 1958. p. 429.)

Situação diferente da que observamos no crime de Maria Degolada, quando o militar, autor do

---

<sup>8</sup> Concluído em Petrópolis, Rio de Janeiro, em maio de 1958, o romance teve sua 1ª edição pela Livraria Martins Editora, São Paulo, 1958, com 453 páginas, capa de Clóvis Graciano e ilustrações de Di Cavalcanti.



crime, obteve uma pena branda. Impondo que a justiça ainda estava sujeita a critérios aliciadores vindo com o poder social e econômico do julgado.

Mas, aqui em 1925, no Brasil retratado por Jorge Amado, matar a mulher já é um crime sujeito a pena jurídica, e o autor concedeu a prisão a Jesuíno, mesmo este sendo um coronel. Estaria Jorge Amado protestando contra a impunidade destes casos de assassinatos a mulheres?

O grande escritor Machado de Assis, em seu livro *Dom Casmurro*, escrito por volta de 1890 também intrigou os leitores com a suposta traição, suposta, visto que o autor não apresentou um fato concreto que comprovasse a mácula à honra do personagem Bentinho. Entretanto, a ideia das entrelinhas do discurso é que a personagem Capitu traiu seu marido. Embora o livro busque retratar o período anterior ao sugerido aqui, visto que abordou os anos de 1857 a 1875, podemos compreender que o autor estava mergulhado pela mentalidade da mudança do século XIX ao XX.

O escritor Euclides da Cunha quis lavar a honra com sangue ao tentar matar Dilermando de Assis, o amante de sua esposa Dona Saninha ou Ana Emília da Cunha em agosto de 1909, mas acabou morto pelo rival. Conforme Mary Del Priore: “a honra matou mais do que a peste” (PRIORE, p.155). A autora apresenta que a honra aqui compreendida “é o estado moral que decorre da imagem que os homens têm de si e que lhes inspira ações temerárias. Mas, é também um meio de representar a moral, o respeito e o valor dos outros”. (PRIORE, p.155).

Pela história dos crimes de Maria Degolada e Isabel Maria da Conceição e pela literatura aqui apresentada, podemos apontar que a mentalidade masculina da época sugere e desenha um perfil feminino propenso a trair, a desonrar a si e ao homem, cabendo a este a reação que o aprover. Isabel Maria da Conceição viveu no tempo destas diversas mulheres reais e ficcionais, e partilhou da consequência da mentalidade masculina de um período. A sua contraordem foi cortar o cabelo sem a permissão do seu marido, no contexto, seu dono e senhor.

A simbologia do cabelo sempre esteve presente no mundo cristão. A força física do temido Sansão provinha de seus cabelos, e Dalila, ao cortá-lo, *destruiu/conteve* mesmo que temporariamente a força, e assim a diferença do corajoso homem, que ficou fraco. Maria Madalena enxugou os pés de Cristo com seus longos cabelos, situação que a dignificou e contribuiu para sua santificação. Por sua vez, a santa popular de Guaraciaba do Norte, Isabel Maria da Conceição, ao cortar os seus cabelos perdeu a dignidade de mulher honesta diante os olhos do marido.

Isabel Maria da Conceição é compreendida como o símbolo da libertação das mulheres em Guaraciaba do Norte e arredores, e lembrada principalmente pela imagem de intercessora das súplicas dos desprovidos. É na cidade o ícone maior na luta contra a violência doméstica contra mulher, antecedendo ao amparo oferecido pela promulgação da Lei Maria da Penha, criada no Brasil em 2006 para a proteção as mulheres.

A Lei nº 11.340/2006, nomeada de Maria da Penha, foi sancionada no dia 7 de agosto de 2006, e entrou em vigor dia 22 de setembro do mesmo ano. A referida lei ganhou esse nome em **Mneme. Revista de Humanidades. v. 21 n. 44 (jan./jun. 2020)**



homenagem a Maria da Penha Maia Fernandes, biofarmacêutica cearense que foi casada com o professor universitário Marco Antonio Herredia Viveros, que tentou assassiná-la por duas vezes.

A lei criava mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do artigo 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Violência contra a Mulher, da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher e de outros tratados internacionais ratificados pela República Federativa do Brasil; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; e estabelece medidas de assistência e proteção às mulheres em situação de violência doméstica e familiar”. (ARAÚJO, 2012) Apesar da criação da lei, segundo o Ipea – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, constatou-se que não houve influência capaz de reduzir o número de mortes, pois as taxas permaneceram estáveis antes e depois da vigência da nova lei. (IPEA, 2013)

Os assassinatos contra mulheres continuaram ocorrendo em Guaraciaba do Norte. E Isabel Maria da Conceição, lembrada na luta contra a violência à mulher, pode ser observada na página do Ministério da Justiça do Ceará, que publicou trechos de um julgamento ocorrido no dia 20/6/2011, em Guaraciaba do Norte. O desfecho do crime construiu semelhanças com o sofrido por Isabel Maria da Conceição, embora o final tenha sido diferente, pois o réu, de nome Océlio Rodrigues Loiola, foi julgado e,

Condenado, dia 01/06, pelo assassinato de sua esposa, Kelânia Noronha dos Santos, e por lesionar sua filha, em 2009, à época com seis anos de idade, à pena de 17 anos e oito meses de reclusão. O júri ocorreu na cidade de Guaraciaba do Norte, com participação e comoção popular, sendo, inclusive, um dos julgamentos mais longos daquela comarca.<sup>9</sup>

Kelânia Noronha dos Santos foi vitimada com aproximadamente “[...] mais de 70 facadas”. A única testemunha, a filha do casal, de apenas seis anos, também foi “lesionada” pelo pai, mas não foi a óbito. O réu: “[...] alegava que matara por ter sido supostamente traído pela esposa”.<sup>10</sup>

Segundo o promotor de justiça responsável pelo julgamento do caso Venusto Cardoso, a condenação do réu: “[...] é um marco no combate à violência contra a mulher, sendo o resultado do julgamento a vitória da própria justiça e de toda sociedade”.<sup>11</sup>

De acordo com a promotora de Justiça Ana Beatriz:

<sup>9</sup> “Assassino é condenado em Guaraciaba do Norte”. Notícias. Ministério Público do Estado do Ceará. Procuradoria Geral da Justiça do Ceará. 20/6/2011.

<sup>10</sup> Idem.

<sup>11</sup> “Assassino é condenado em Guaraciaba do Norte”. Notícias. Ministério Público do Estado do Ceará. Procuradoria Geral da Justiça do Ceará. 20/6/2011. Vide: [www.jusbrasil.com.br/topicos/1576983/guaraciaba-do-norte](http://www.jusbrasil.com.br/topicos/1576983/guaraciaba-do-norte) ou acesse [mp-ce.jusbrasil.com.br/noticias/2742208/assassino-e-condenado-em-guaraciaba-do-norte](http://mp-ce.jusbrasil.com.br/noticias/2742208/assassino-e-condenado-em-guaraciaba-do-norte). Fomos ao Fórum de Guaraciaba do Norte, localizado na Rua Padre Bernadino memória, 322, a procura do processo sobre este caso, fomos informados na recepção que o mesmo se encontrava em segredo de justiça, por ter o advogado do réu Océlio Rodrigues Loiola recorrido da sentença.

Há um paralelo entre este caso e o conhecido assassinato da mártir de Guaraciaba do Norte, ocorrido no ano de 1929, no local conhecido como Ladeira das Pedras. A história relata que Isabel Maria da Conceição foi esfaqueada pelo marido no dia 11 de outubro de 1929, e jogada ladeira abaixo, na frente de seu filho, pelo fato de ser formosa e ter naquele dia cortado o cabelo, o que levou o marido a desconfiar de traição. Depois do assassinato, Raimundo, o autor, foi preso; mas fugiu da cadeia. Não souberam mais dele. Antônio Raimundo da Silva, que testemunhou o assassinato da mãe, suicidou-se aos 80 e poucos anos. (MINISTÉRIO PÚBLICO, 2011)

Passados os oitenta anos do assassinato de Isabel Maria da Conceição, a insurgência de um novo crime contra uma mulher induzido por ciúme comovia os interlocutores, a violência contra a mulher ainda persistia na cidade. O esposo de Isabel Maria da Conceição, Antônio Raimundo Nonato da Silva, que não passou por um júri, embora o crime também tivesse conquistado a “comoção popular”, a sua prisão foi temporária, visto que logo em seguida fugiu, conquistando ilícitamente a liberdade. Diferentemente, Océlio foi condenado exemplarmente para que outros não praticassem o mesmo ato.

Na descrição da condenação do réu Océlio Rodrigues Loiola, a representação da figura do assassino sugeria que ali também era julgado o réu Antônio Raimundo Nonato da Silva, o ausente fugitivo. A justiça era feita ao assassinato de Kelânia Noronha dos Santos, e em mesma medida, buscava-se reparar a injustiça feita com a impunidade do caso de Isabel Maria da Conceição.

A história das duas mulheres entrelaçavam-se, sugerindo a indignação popular contra a violência a que as mulheres estão sujeitas no cotidiano e um questionamento indireto sobre os direitos das mulheres, expondo a justiça como responsável pelo bem-estar das mulheres.

Afinal, como compreender que no espaço que consagrou Isabel Maria da Conceição como *a santa das mulheres espancadas e traídas* outros corpos de mulheres tivessem no solo o sangue derramado, alvejados pela insensatez do ciúme?

### 3. A SANTA POPULAR: O SÍMBOLO E A CAPELA

Após a morte de Isabel Maria da Conceição, as primeiras manifestações de fé se deram no lugar do assassinato. Acender velas para a sua alma era um sinônimo de piedade. No início, uma cruz, marcava o lugar de morte. Um símbolo sempre presente às margens de estradas e precipícios, usados para assinalar a morte de algum sujeito vitimado por acidente de trânsito.

Geralmente a própria família é a responsável por colocar a cruz, vista na forma de madeira e outras vezes de cimento e concreto. Compreendemos que a cruz é o símbolo maior do martírio de Jesus e também anuncia sua salvação. Para os mortos, a cruz sinaliza a sua passagem do aquém para o além. No estudo sobre a devoção a Isabel Maria da Conceição, a cruz é o fio que ajudou a tecer os rastros da santificação popular. O passado sobre Isabel Maria da Conceição está baseado numa massa de fragmentos e de ruínas. (GINZBURG, 2007. p.7)

A cruz de Isabel Maria da Conceição à beira da estrada e do precipício da serra atraiu muitos



curiosos que ansiavam conhecer o lugar onde ela foi assassinada, circunstância que criava um reviver do fato e uma propagação oral sobre os últimos momentos da vítima. A comoção e a piedade associadas à fé de que aquela mulher sofredora poderia fazer milagres incentivou aqui as primeiras promessas.

Observamos que no caso de Isabel Maria da Conceição, as narrativas sobre seus últimos instantes fundaram a importância desse espaço para seus devotos. Na cruz, nenhuma inscrição: as narrativas orais se encarregavam de expressar seu significado.

De semelhante modo, o culto a Maria Degolada em Porto Alegre surgiu na cruz erguida no lugar onde esta outra Maria foi morta. Segundo Sandra Jatahy Pesavento, “[...] muitas pessoas começaram a acender velas para esta que passaram a chamar de Maria Degolada e que deu nome ao local”. (PESAVENTO, 2008. p. 355) Maria Bueno teria sido enterrada em cova rasa no lugar de sua morte, que também foi marcado por uma cruz. Posteriormente, em 1893, seus restos mortais foram levados para os fundos do Cemitério Municipal, espaço que abrigou a devoção à santinha de Curitiba. (JURKEVICS, 2004. p. 161)

Os restos mortais de Isabel Maria da Conceição têm paradeiro incerto. Alguns entrevistados asseguravam, informalmente, que ela estaria sepultada no Cemitério Municipal de Guaraciaba do Norte, o mesmo consta também na oração a Isabel. Entretanto, em nossa pesquisa de campo no cemitério não encontramos nenhum túmulo e nem ao menos uma inscrição nos livros de registros sobre o seu sepultamento. Teria sido sepultada em cova rasa como Maria Bueno?

O corpo encoberto<sup>12</sup> deu espaço a uma devoção aberta no local do crime. Assim, a ausência do lugar preciso do sepultamento do corpo de Isabel Maria da Conceição contribuiu para que sua devoção se expressasse na cruz.

Posteriormente, neste espaço, foi construída uma pequena Capela para a sua devoção (não temos dados sobre a data e os responsáveis pela construção). Foi noticiado no dia 08 de março de 2003, por Kamila Fernandes, pelo jornal *Folha de São Paulo*, em uma matéria intitulada “Protetora das espancadas é venerada no CE”, que:

Moradores de um município do interior do Ceará veneram uma santa popular, protetora das mulheres traídas e espancadas. O culto a Isabel Maria da Conceição, conhecida como finada Isabel, é feito numa pequena capela na beira da estrada que liga Guaraciaba do Norte a Reriutaba, na serra da Ibiapaba, a 350 km de Fortaleza, local onde ela teria sido morta pelo marido, em 1929. (FOLHA.Com., 2003)

---

<sup>12</sup> A autora analisou a construção do sebastianismo em Portugal nos séculos XVI e XVII, conferindo que a ausência do corpo do rei D. Sebastião favoreceu para a crença de que o rei estaria vivo. Sobre o fato que acometeu o sumiço de seu corpo, a autora escreveu que: “D. Sebastião jogou tudo na batalha de Alcácer Quibir e perdeu, talvez, mais do que tinha. Perdeu o exército. [...] a vida. [...] o reino. Desaparecido o rei sem deixar herdeiros, pois não se casara, Portugal foi anexado à Espanha e teria que aguardar sessenta anos para recobrar sua independência. Mas o corpo do rei jamais seria realmente encontrado ou, pelo menos, muitos se recusaram a crer que estivesse morto. D. Sebastião, rei desejado, passou a ser Sebastião, rei encoberto[...]”. Vide: HERMANN, Jacqueline. *No reino do desejado*. A construção do sebastianismo em Portugal (séculos XVI e XVII). São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 12.



A mulher morta pelo marido, Isabel Maria da Conceição, passou à santa popular. O jornal especifica a particularidade da santa: protetora das mulheres sofredoras acometidas pela traição ou espancamento do cônjuge, título presente na tradição oral sobre a personagem e na oração dedicada à santa. Entendemos que o título surge da condição da morte de Isabel Maria.

Ainda sobre a matéria jornalística sobre Isabel Maria da Conceição, observamos que o centro da abordagem foi a devoção a Isabel Maria da Conceição em outros âmbitos culturais e geográficos. Na fotografia que abre a matéria, consta a pequena Capela, à sua frente vê-se um homem ajoelhado em direção ao altar da capela, provavelmente pagando uma promessa. Ainda avista-se uma mulher que segurava um ex-voto, e uma criança, supostamente filho do casal.

Ao lado da fotografia, a inscrição de que: “Devotos visitam a capela de finada Isabel, protetora das traídas”.

**Figura 1** – Capela de Isabel Maria da Conceição



Fonte: Jarbas Oliveira/Folha Imagem.  
03 de Março de 2003.

É a única imagem que encontramos da pequena Capela. A cena publicada nos sugere uma reflexão: a devoção que surgiu a partir de 1929, chegou aos dias atuais pela relação familiar observada no culto a Isabel, trata-se de uma herança imaterial de uma prática devocional. (LEVI, 2000. p. 32)

O filho que acompanhou a promessa feita pela mãe ou pelo pai a Isabel Maria da Conceição tende a seguir a mesma direção no futuro, situação também percebida nas demais devoções estudadas nesta pesquisa. Os pais levam consigo os filhos na visita aos lugares de sua devoção, no caso, dos santos populares, ao túmulo ou lugar em que foram mortos. Sabemos que o culto é feito também no ambiente privado, na casa. O devoto é o veículo que transmite, além da graça alcançada, os fragmentos da trajetória do referido santo. Se o pagamento da promessa é a experiência concreta, “a prova” de que a santa faz milagre, a descrição deste milagre pelos devotos são a chama que alimenta o fogo devocional.

O jornal prosseguiu afirmando Isabel Maria da Conceição como milagreira na região.

Pequenas entrevistas sobre as graças alcançadas pela intercessão da santa foram abordadas:

**Entrevista 1 (ordem apresentada no jornal):**

Maria Souza Nascimento, conhecida como dona Maura, é catequista da igreja de Guaraciaba do Norte e considerada pelos fiéis a rezadora oficial da capela de finada Isabel. Ela mesma já fez cinco promessas, uma delas para curar um sobrinho, que "estava no mau caminho". Ela diz que, depois da oração, ele voltou para casa e melhorou. Quase todos os dias pela manhã, dona Maura segue em caminhada de sua casa até a capela, um percurso de dois quilômetros, para rezar o terço a pedido de outras pessoas.

**Entrevista 2:**

"Minha mãe fez promessa para a finada Isabel curar meu pai, para ele parar de beber. Depois disso, ele nunca mais bebeu, até morrer", contou a aposentada Altair Fernandes, 70.

**Entrevista 3:**

Eliseu Félix Neves, 35, dono de um botequim na comunidade de Bananeiras, em Guaraciaba do Norte, ainda "deve" uma promessa a Isabel. Segundo ele, todos os pedidos que já fez foram atendidos, inclusive a cura de uma filha, hoje com nove anos, que, em 1999, sofreu um traumatismo craniano depois de um acidente de carro. "Ela foi operada e hoje está aí, inteirinha, graças à força da santa", disse. Como agradecimento, ele pediu que um artesão fizesse um ex-voto que representasse a cabeça ferida da menina. (FOLHA.Com., 2003)

Não é dito onde e em quais circunstâncias foram realizadas as entrevistas. Entretanto, decidimos analisá-las. Nosso intuito em abordá-las é perceber como a santa popular é descrita e quais milagres são mencionados.

Observamos que Isabel Maria da Conceição é nomeada de *finada Isabel* na primeira e segunda, e como *santa* na terceira entrevista. As duas nomeações possuem distintas interpretações. "Finada" é a pessoa falecida, cuja vida já findou, portanto uma finada.

O termo "finado" aproxima o devoto também da santa, do seu cotidiano, expondo que era uma pessoa comum, findou-se como todos, entretanto, impondo que a sua diferença reside na sua condição de milagreira. O atributo santa, já considerada a imagem da mulher que foi consagrada e que está salva ao lado de Deus, atendendo aos pedidos do povo, era um ser distinto, sagrado.

A descrição das promessas indica uma concepção sobre como é compreendido o milagre na vida destes devotos. Trata-se de um conceito aberto a múltiplas interpretações. Marília Schneider compreende como milagre a última esperança diante das dificuldades terrenas.

Conforme Marília Schneider, "é realmente difícil avaliar o grau de sofrimento e mesmo de gravidade em tantos e tão variados problemas que levaram aquelas pessoas a procurar recursos no sobrenatural" (SCHNEIDER, 2001. p. 68). Assim, o milagre pode ser a cura de uma doença, a solução de um desemprego, entre outros.

Nos exemplos de promessas publicados no jornal, é possível observar que tanto a cura da menina vitimada por um traumatismo craniano ao homem que abandonou o vício da bebida, e até a



saída do mau caminho do sobrinho de Dona Maura foram interpretados como um milagre. Confiamos que é a necessidade do devoto que fabrica o sentido do milagre. O pedido pode ser para si ou para o conhecido, amigo, parente. O milagre é a realização do inalcançável para o devoto.

A primeira entrevista citou que a catequista Maria Souza Nascimento visita com frequência a Capela para rezar, seja em forma de agradecimento seja para fazer mais um pedido de graça. Questão que apresenta como é estreito o limite entre o culto popular e oficial entre os devotos, a fé se mescla pelas necessidades de uma intervenção sobrenatural. (GINZBURG, 1989. p. 33)

A visitação da senhora indicou ainda que não há uma data específica para a devoção, todo dia é dia de pedir e agradecer. Questão apontada também pelo jornal, quando mencionou que:

Não há uma data fixa de romaria. Caminhadas acontecem esporadicamente, sempre que alguém precisa, iniciando da sede de Guaraciaba do Norte, a oito quilômetros da capela. Diariamente, porém, fiéis soltam fogos de artifícios em frente à capela para homenagear finada Isabel. (FOLHA.Com., 2003)

Apesar da nomeação de *santa das mulheres espancadas e traídas*, a devoção a Isabel Maria da Conceição não está restrita ao público feminino. Assim como vimos no início do capítulo um homem pagando promessa, 20% dos devotos são homens. Segundo o jornal *Folha de São Paulo*, “[...]a finada Isabel tem também fiéis homens. Eles fazem pedidos variados, como de emprego e de dinheiro”. (FOLHA.COM., 2003)

Das promessas realizadas por homens, descritas pelo mesmo jornal merece, destaca-se uma em particular. Primeiro sobre o questionamento do devoto sobre a condição de Isabel. Segundo pela forma como a promessa foi paga. Curado de um câncer (o jornal não especificou que tipo de câncer seria), o senhor Francisco Mendes Bezerra, 78 anos, mencionou as similaridades e diferenciação entre a santa popular, Madre Teresa de Calcutá e a irmã Dulce:

Não sei se ela é santa, mas acho que é como a Madre Teresa de Calcutá e a Irmã Dulce, que, pela vida que tiveram, têm uma alma milagrosa”, disse o comerciante Francisco Mendes Bezerra, 78. Bezerrinha, como é conhecido, chorou ao falar que acredita que a fé na alma de Isabel o ajudou a se curar de um câncer. Para agradecer, mandou rezar uma missa em frente à capela, há quatro anos. (FOLHA.Com., 2003)

A questão aborda que por não ser institucionalizada, a figura de Isabel Maria da Conceição deveria ser denominada apenas de alma milagrosa, que seria um intermediário entre o morto comum e o santo, embora este também conceda milagres. A nomeação, seja de santa ou de alma milagrosa, não interferiu na fé do devoto de que fora curado graças ao seu auxílio.

O agradecimento foi peculiar, a celebração de uma missa em frente à Capela no ano de 1999, celebrada pelo Padre Raimundo Lúcio. É dito no jornal que a missa celebrada foi em ação de graças pela cura de Francisco Mendes Bezerra. Em entrevista ao jornal, o Padre comentou que “Os médicos





já o tinham desenganado, então ele se apegou muito à finada Isabel e melhorou. Que eu saiba, a melhora não foi atribuída a remédios”. (FOLHA DE S. PAULO. COTIDIANO, 2010)

A intercessão da *alma milagrosa* foi a responsável pela cura, acredita todos os envolvidos na promessa: o curado e o padre. Pela celebração, observamos como a religiosidade popular se serve dos rituais que são da religiosidade oficial; ao celebrar a missa em homenagem a Isabel Maria da Conceição, a prática recebeu outro sentido, o agradecimento à alma milagrosa, e não somente uma missa em ação de graças, como fora mencionado inicialmente. Alimentava a imagem de milagreira.

A intenção de missas para a alma de Isabel Maria da Conceição como pagamento de promessas é rito presente na devoção à santa, como observamos na visita à secretaria paroquial da Igreja Matriz Nossa Senhora dos Prazeres de Guaraciaba do Norte, no dia 01 de abril de 2013. A secretária Maria do Carmo de Araújo Carvalho comentou que durante vários dias do ano devotos vão intencionar missas para ela.

Compreendemos que a intenção de missa rendida por um devoto a Isabel Maria da Conceição é um dos veículos que ajudaram na difusão da sua memória de milagreira, sobrevivendo na Igreja Católica, um espaço institucional. A intenção de missa dos devotos à santa popular é uma *bricolagem*, uma forma de usar uma celebração para um fim diferente do que ela representa de fato. Os devotos estão utilizando seus interesses próprios, o do pagamento de uma promessa.<sup>13</sup>

Além disso, é mais um documento escrito sobre a santa, uma hagiografia que vai sendo fabricada pela fé dos devotos. (MAIA, 2010, p. 106) Uma intenção de missa não é o fim do pagamento da promessa, representa um dos passos. O devoto deverá assistir a celebração na qual o nome da santa será mencionado, este é o momento que significa que a promessa foi paga.

Interessante que nas marcações a menção atribuída é a de Finada Isabel, como podemos vislumbrar na imagem abaixo, na terceira linha das intenções do dia 03/02/2013:

---

<sup>13</sup> Nossa reflexão está baseada no que Michel de Certeau considerou como bricolagem ao analisar o *uso e o consumo* dos sujeitos do sistema cultural e econômico ao qual estão inseridos, exemplificando a questão com a colonização espanhola, segundo o autor “[...] muitas vezes esses indígenas faziam das ações rituais, representações ou leis que lhes eram impostas outra coisa que não aquela que o conquistador julgava obter por elas. Os indígenas as subvertiam, não rejeitando-as diretamente ou modificando-as, mas pela sua maneira de usá-las para fins e em função de referências estranhas ao sistema do qual não podiam fugir.” CERTEAU, Michel de. Introdução Geral. In: *A invenção do cotidiano*: 1. Artes de fazer. Trad. Ephraim Ferreira Alves. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 39.

**Figura 2** – Fotografia realizada no dia 01 de Abril de 2013, na secretaria paroquial da Igreja Matriz de Nossa Senhora dos Prazeres em Guaraciaba do Norte

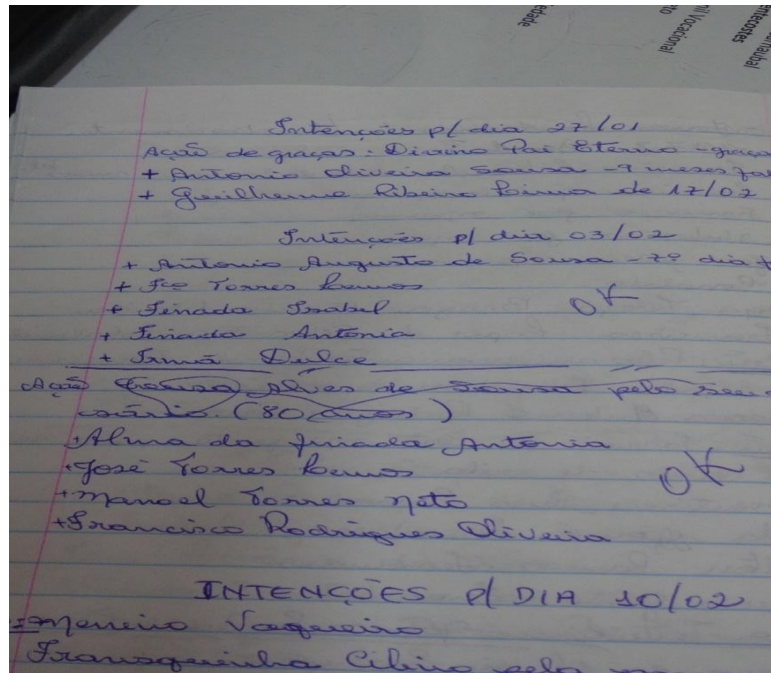


Foto: da autora

As promessas incentivadas pela necessidade de cura são as mais presentes, e os pagamentos foram vislumbrados pela reportagem:

Vidros de remédio vazios são deixados no altar enfeitado com flores artificiais velhas. Os fiéis levam ex-votos (esculturas em madeira que representam uma parte do corpo curada), roupas, fotos, velas e fogos de artifícios para agradecer as graças que acreditam ter alcançado por intermédio da "alma da santa". (FOLHA.COM., 2003)

A escolha do ex-voto sempre passa pela referência ao que foi pedido à santa. Os relacionados à cura de doenças são representados em grande parte pelos ex-votos de madeira que simbolizam o lugar preciso da doença. Objetos fabricados por artesãos da região, adquiridos pela fé. A sua feitura indica que a graça foi alcançada; é o penúltimo passo para agradecer à santa:

“A gente pede pelo amor de Deus para a pessoa fazer a escultura, senão a promessa não dá certo. Não pode pagar para fazer nem comprar uma peça pronta”, disse Maria Barreto da Silva, 50, outra devota de Isabel. Cabeças e pernas são os ex-votos mais numerosos deixados na capela. (FOLHA. COM., 2003)

A reportagem apresentou um pequeno trecho da oração feita para que os devotos rezassem pedindo graças a Isabel Maria da Conceição:

A história da morte de Isabel é narrada em uma oração distribuída aos 30 mil habitantes de Guaraciaba do Norte há dois anos, em homenagem ao centenário do nascimento dela. "Valei-me, na vossa condição de protetora que fostes escolhida pelas esposas espancadas e mulheres traídas, na minha aflição, alcançando-me a graça de que tanto necessito", diz um trecho da oração. O autor do texto é desconhecido. (FOLHA. COM., 2003)

O trecho da oração publicada pelo jornal legitimava a denominação de Isabel Maria da Conceição como protetora das mulheres espancadas e traídas. A oração completa está exposta na nova Capela, inaugurada em 2004. O texto é de autoria desconhecida, como foi relatado, e mesmo na Capela não há nenhuma menção ao inventor, fato que comprovamos com a nossa pesquisa de campo em Guaraciaba do Norte. Na oração que foi impressa e distribuída aparece apenas as iniciais do seu autor ou autora, quando se lê no fim do verso a seguinte inscrição: “Reprodução Proibida! Direitos reservados a M.D.C”. Acreditamos que o anonimato da autoria deva estar relacionado com a própria feitura da promessa e de seu pagamento.

Assim, a oração foi construída como ex-voto para agradecer à santa. Os dados que indicam isso são observados no fim do verso do impresso: “Rezar 3 Ave Marias em Ação de Graças. Por uma graça alcançada Centenário do Nascimento de Isabel Maria da Conceição (1901-2001), assassinada em 11/10/1929”. A oração nos possibilita observar como a imagem de santa milagrosa de Isabel Maria da Conceição percorreu os diversos espaços: a Igreja Matriz de Nossa Senhora dos Prazeres de Guaraciaba do Norte, a Capela, as casas de seus devotos e as mãos dos condutores da oração.

Compreendemos que o objetivo da oração era divulgar e difundir a fama de milagreira de Isabel Maria da Conceição. A data escolhida para a sua distribuição era simbólica, a comemoração do centenário de nascimento da santa popular, em 2001. O retângulo de papel onde foi escrita a oração mede 7 cm de largura por 10 cm de comprimento; apresenta ao leitor, na frente, a imagem de Isabel Maria da Conceição; no verso, a oração. Antes da representação, o nome da santa em destaque, e abaixo a inscrição de *Protetora das Esposas Espancadas e das Mulheres Traídas*. Na parte inferior, lê-se: *Mártir de Guaraciaba do Norte*.

Figura 3 – Oração à Isabel Maria da Conceição



Fonte: Doação dos devotos. Acervo da autora

Na imagem, Isabel Maria está representada de cabelo curto, o que põe em destaque a causa de seu martírio. Os contornos do corpo estão restringidos pelo dorso, colo e pescoço. A magreza da carne é coberta pela blusa azul celeste, que propõe um ser frágil e indefeso. A mulher está de mãos postas e cruzadas, segurando com precisão o terço. Seus olhos contemplativos estão a presumir certa tristeza e melancolia, mas no fim também incita a esperança. As árvores, ao redor da mulher, completam o cenário, e pode suscitar, ao olhar de estrangeiros, a representação apenas de um lugar bucólico. De fato, compõe-se de uma realidade ausente, preterida, para representar a desconhecida mulher. (GINZBURG, 2001. p. 85)

O retrato vai de encontro a construir uma imagem que eleve a figura da esposa fiel, mãe dedicada, mulher devota, e inocente vítima. A representação não é espontânea ou inocente, procurando controlar e disciplinar o corpo de Isabel Maria da Conceição, revestindo-a de pureza e santidade. Sua veste cumpre com exatidão o dever de tornar o seu corpo dócil. (FOUCAULT, 1996. p.126). A mesma imagem será encontrada no interior da Capela, é a única representação da santa aos seus devotos.

No verso, lê-se a oração:

#### **Prece à Isabel**

#### **Protetora das esposas espancadas e das mulheres traídas Mártir de Guaraciaba do Norte**

Nascestes na terra abençoada de Nossa Senhora dos Prazeres, Guaraciaba do Norte, em cujo solo teus restos mortais repousam eternamente.

Eras pura e superior e, pelos simples fato de ter cortado o cabelo, o inimigo incutiu o ciúme na mente e no coração de teu marido, que tiranicamente interrompeu tua vida terrena e tua mocidade, na presença do filho único, fruto do teu amor e fidelidade ao Santo Sacramento do Matrimônio.

Lembramos teu pioneirismo nos direitos da mulher, tua fé e o amor incondicional que fez com que concedesse a graça da liberdade ao teu algoz. Valei-me, na tua condição de protetora que foste acolhida pelas esposas espancadas e mulheres traídas, na minha aflição, alcançando-me (dizer a graça)\_que tanto necessito.

Quando teu corpo tombou, em meio à rica flora da Ibiapaba, te tornastes mártir daquele que mais amaste na Terra ainda o perdoaste. Que tua luz nos ajude na conversão de meu\_\_\_\_\_ (esposo, companheiro, filho, genro) e que, um dia, possamos vê-lo recuperado, professando a fé e o amor de Cristo Nosso Senhor, por tua valiosa intercessão. Assim seja!

A oração está dividida em dois momentos. O primeiro aborda o ciúme e a acusação de traição, enumerando os presentes na cena do crime. Uma apresentação hagiográfica explicando a origem de sua santidade, para isso é lembrado seu martírio. O segundo momento descreve os passos para a feitura do pedido a Isabel Maria da Conceição, *protetora e mártir*. Exaltando ainda a bondade da santa ao ter perdoado o seu algoz, Condição que criou um perdão imaginário ao marido. Por fim, é dito que a graça será alcançada pela sua *intercessão*. Compreendemos que a mulher desconhecida saiu mais uma vez do anonimato e da oralidade, ocupando seu espaço por escrito através da oração impressa pelos seus

devotos. O papel assumido pela oração era elevar e proclamar a santidade de Isabel, era um símbolo da devoção.<sup>14</sup>

A fotografia e oração de Isabel Maria da Conceição assumiu o papel de objeto devocional, além de ser uma referência sobre a morte da santa para os devotos, assim foi para a devota Alice Maria de Mesquita:

Eu tinha muita vontade de adquirir o retrato dela. [...] foi e o motorista me deu [...], [...] eu conversando mais ele, [...] disse que tinha muita fé na santa Isabel, queria arranjar o retrato dela. Ai disse: - pois eu vou lhe dá um que eu tenho. Tirou do carro e me deu. E já faz muito tempo que eu tenho o retrato [...], sempre pra mim fazer um grande e ainda não deu certo, eu queria assim de um palmo. Tá marcado naquele retratim, [...] tudo que aconteceu com ela, a oração você lê, mas eu não gravo.<sup>15</sup>

As orações e retratos são um veículo para propagar a vida dos santos institucionais e populares. No estudo sobre a devoção ao menino Antônio da Rocha Marmo, Marília Schneider concluiu que os retratinhos e as orações sobre o menino santo serviram para “difundir amplamente a fama do ‘milagroso Antoninho Marmo’.” Aos que necessitavam de auxílio, o retrato ou a oração eram suporte fundamental para a feitura de novas promessas, orientando sobre a vida do “servinho de Deus”. (SCHNEIDER, 2001. p.60)

Vera Irene Jurkevics, analisando o caso da santa popular de Curitiba, citou o hino feito em homenagem a Maria Bueno, um dos diversos mecanismo utilizados para propagar a sua devoção. A autora comentou que o hino pretendia associar a figura da mulher à da mãe de Jesus, usado para a feitura de promessas e louvor à santa: “Maria, Maria, Maria, Maria da Conceição. Volve os teus olhos e atende. O teu povo em oração!”. (JURKEVICS, 2004. p. 179)

Encontramos a devoção a Isabel Maria da Conceição em 2010 já estruturada na Capela reformada.

---

<sup>14</sup> Segundo Jacqueline Hermann “Para compreender o sentido da produção de um texto escrito, seja para o seu autor, seja para o seu eventual público, [...] é preciso uma operação delicada de reconstrução do processo que conjugou a necessidade da escritura, num momento em que seu “valor” como discurso autônomo ainda se construía, com o papel que a mensagem elaborada poderia ter, tanto para o produtor do texto como para os seus prováveis leitores e/ou ouvintes”. O valor construído pelo devoto inicialmente ao escrever uma oração à Isabel Maria da Conceição e publicá-la era difundir o milagre alcançado pelo intermédio da santa. Para os ouvintes ou leitores, devotos, a interpretação e os valores seriam diversos. Desde a compreensão de que a oração era um fragmento biográfico sobre a santa, o vislumbre da única imagem desta, e o veículo para a feitura de novas promessas. Vide: HERMANN, Jacqueline. *No reino do desejado. A construção do sebastianismo em Portugal (séculos XVI e XVII)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 41.

<sup>15</sup> MESQUITA, Alice Maria de. Casada, 77 anos, aposentada. Residente na Rua Maestro Vicente Marques nº 779 em Guarciaba do Norte, Ceará. Entrevista realizada em sua residência no dia 07 de Maio de 2014.

**Figura 4** – Capela reformada



Fonte: Foto de Diassis Lira.

**Figura 5** – Localização da Capela



Fonte: Foto de Diassis Lira.

Foi inaugurada em 2004, por iniciativa da União dos Conterrâneos e amigos de Guaraciaba do Norte (UNICA) e Instituto de Desenvolvimento Socioeconômico Cultural de Reriutaba (INEDER), nomes que estão expostos na placa de sua inauguração no interior da Capela, como podemos observar na fotografia abaixo:

**Figura 6** – Fotografia da placa no interior da Capela de Isabel Maria da Conceição



Fonte: foto realizada pela autora em novembro de 2012.

A construção contou com o apoio financeiro do Deputado Estadual do Ceará José Teodoro Soares: “[...] o deputado Professor Teodoro foi o responsável pela construção da capelinha da “finada Isabel”, local de romaria na descida de Guaraciaba para Reriutaba”. (CORREIO DA SEMANA, 2009, p.1)

À beira do precipício e com as marcas dos devotos, assim encontramos a Capela de Isabel Maria da Conceição em 2012. Logo percebemos ao redor da calçada as velas que ali foram acesas, as ceras estavam esparramadas sob o chão. A Capela é maior se comparada à primeira. Observamos que no lugar foi construída uma ordem física. O recinto está distribuído entre o altar, a parte de pôr os ex-votos, e ainda se veem bancos de cimento para que os fiéis façam suas preces e seus agradecimentos sentados, se assim preferirem, abrigados do sol ou da chuva.

O interior da Capela dava continuidade à cor branca dos lados externos. Os pilares abertos nas laterais indicavam a entrada e saída de quem ao recinto quisesse adentrar, além da entrada principal. É o lugar de maior visibilidade da devoção, aqui a construção sobre a santidade de Isabel Maria da Conceição foi “[...] pensada, dada a ler”. (CHARTIER, p. 16-17)

Mesmo sendo em homenagem a Isabel Maria da Conceição, não há retrato dela exposto no altar. Observamos que a distribuição dos objetos (quadros, placa de homenagem, o retrato de Isabel Maria da Conceição) na Capela assinalou a diferença entre a imagem da milagreira Isabel Maria da Conceição aos santos institucionalizados.

Uma estratégia de apresentar para os frequentadores a condição da mulher, que é mártir, mas não é santa oficial. Aqui a construção do real se utilizou de um discurso que não é neutro. Buscou ordenar a devoção, autorizando uma concepção sobre a outra. (CHARTIER, p. 16-17)

Por essa razão, no altar avistam-se imagens de santos católicos nos formatos de gesso ou resina: Nossa Senhora Aparecida, das Graças, Nossa Senhora do Perpetuo Socorro, São Francisco de Assis, Santo Antônio. A imagem de Padre Cícero destoa como único santo popular diante dos demais. O encontro entre a religiosidade oficial e popular.

Assim como os seguidores de devoções a santos e santas populares praticam os cultos oficiais da igreja católica, da mesma forma a igreja católica é ativa em ocupar com os símbolos oficiais institucionalizados os espaços criados pela devoção popular. A exemplo, a própria composição física da Capela da Isabel Maria da Conceição e a presença de um padre celebrando missa neste lugar. Uma cruz de madeira, fitas com nomes de santos, jarros com flores de plásticos rodeiam as imagens. Nota-se ainda um ex-voto de madeira em forma de cabeça próximo aos santos, as marcas das ceras de velas antes acesas podem ser observadas; logo acima do altar havia quadros reverenciados de santos católicos. À esquerda do quadro de Santo Expedito está a Padroeira da cidade de Reriutaba, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, seguida de Santo Expedito, de Jesus crucificado e de Nossa Senhora dos Prazeres, padroeira da cidade de Guaraciaba do Norte. Abaixo do altar foi construído um depósito para os ex-votos, que encontramos desordenadamente amontoados.

**Figura 7** – Fotografia do altar da Capela da Isabel Maria da Conceição



Fonte: foto realizada pela autora em novembro de 2012.



**Figura 8** – Fotografia das prateleiras posicionadas nos lados do altar de Isabel Maria da Conceição (esquerda e direita respectivamente)



Fonte: foto realizada pela autora em novembro de 2012.

Além das velas, vê-se também, na imagem direita, a presença de um ex-voto de madeira e uma vassoura de palha. Esta indica os cuidados de algum devoto com o local. As velas são objetos bastante utilizados tanto para pedir quanto para agradecer uma graça à santa. Diante dos lugares de devoção aos milagreiros, as velas acendidas, assim como suas ceras derramadas, são os sinais mais presentes no culto. As chamas e as ceras deixadas também inscrevem a fé do devoto no seu santo de devoção.

Os ex-votos que encontramos parecem ser do ano de 2012. Os ex-votos de madeira em suas diversas formas estavam ocultos embaixo do volumoso material de roupas. Nós os retiramos e colocamos no chão, próximo ao altar. Um dos pagamentos mais presentes nestes espaços de devoção são os ex-votos de madeira. Anônimos, eles representam a parte do corpo para a qual foi pedida uma graça.

Em muitos ex-votos a parte enferma é destacada, por uma cor distinta à da madeira. Na figura abaixo, os ex-votos na forma de seio estão marcados logo no bico do peito pela cor vermelha, insinuando que no seio havia a enfermidade. Outro ex-voto na forma de pescoço mostrava uma linha vermelha no meio, indicação do lugar afetado pela doença. Do lado direito, uma cabeça apresenta de cor laranja o contorno de um rosto, e pintado de forma mais expressiva o nariz. Os demais ex-votos em forma de perna, mão e cabeça seguem o padrão de expor somente a forma do membro do corpo agraciado pela cura.

**Figura 9** – Fotografia dos ex-votos exposto na Capela de Isabel Maria da Conceição



Fonte: foto realizada pela autora em Novembro de 2012.

Além dos ex-votos de madeira, peças de roupas femininas (vestido, saia, blusas, camisola) e também masculinas (blusas) e lençóis. Um número considerável de calcinhas femininas também foi encontrado. Estes ex-votos são mais enigmáticos e não permitem traçar um vínculo direto com a enfermidade do devoto. Como os outros, estes também não possuem nenhuma identificação. Aliás, o enigma e o mistério dos objetos indicam que o devoto quer expor apenas o seu pagamento de promessa, e não expor sua identidade civil, nem seu paradeiro ou condição social.

Se para o visitante os objetos na Capela de Isabel Maria da Conceição estão sem identificação, para o devoto o pagamento da promessa é um pacto-trato particular com a figura da santa. Além das roupas, outras insígnias da fé compunham o acervo de ex-votos presentes na Capela durante nossa visita. Garrafas pet contendo água, talas de gesso, caixas de remédios, como Cimecort, Digestil, Menoxito, Carbolitlum, Teflan, algumas até com comprimidos na cartela. Estes ex-votos apresentam que, em demasia, os pedidos à santa são recorridos motivados pelas doenças do corpo.

**Figura 10** – Fotografia dos ex-votos na Capela de Isabel Maria da Conceição



Fonte: foto realizada pela autora em novembro de 2012.

A santa popular, vitimada pelo esposo por ter cortado o cabelo, também recebeu em seu espaço de devoção um emaranhado de cabelo como forma de pagamento de promessa. Mesmo escondido por baixo de outros ex-votos, a sua presença estava intrinsecamente associada com a morte de Isabel Maria da Conceição.

**Figura 11** – Fotografia dos ex-votos na Capela da Isabel Maria da Conceição



Fonte: foto realizada pela autora em Novembro de 2012.

Observamos que, em sua maioria, os pagamentos de promessas buscam a cura para os males do corpo. Foi encontrado em meio aos ex-votos depositados debaixo do altar receita médica, também diagnósticos, eram os únicos materiais que apresentavam alguma identificação, deixados na Capela pedindo saúde.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A santa da ladeira das pedras é uma:

[...] alma [...] milagrosa [...], ela tá no céu, tá obrando milagre. Quem tiver fé [...], nela. [...] se pegar com [...] fé. Porque qualquer santo vale a gente, assim a gente tenha fé. [...] porque tudo vai com a fé. O povo não tendo fé, até Deus mesmo não socorre. Porque se a pessoa não tiver fé nele não vive.<sup>16</sup>

Muitos costumam se dirigir a Isabel Maria em momentos difíceis, pedindo sua proteção. Quando a terra não oferece alento, o céu se reveste de brandura e calma, apontando possibilidades dos poderes dos santos e de Deus. E o povo clama ao santo de sua estima, buscando apoio, confessando sua confiança no sagrado. A promessa é feita com o santo que concedeu, anteriormente, uma graça a alguém. Os milagres são a apresentação do poder do santo. (RAMOS, 1998. p.25)

E várias são as formas de agradecimento: além das caminhadas até a capela, o nome dela é oferecido para consagrar às filhas, como é o caso de Télia Bandeira Vale<sup>17</sup>, nascida em Reriutaba, que tem uma filha com o nome de Isabel, devido a uma graça alcançada no momento de um acidente quando estava grávida.

Analisamos como a construção da imagem de Isabel Maria da Conceição como santa foi sendo tecida desde a sua morte. Acontecimento que dele nasceram desejos de milagres e de salvação. (FOUCAULT, p. 22)

A santa popular Isabel Maria da Conceição não possui um acervo com seus pertences pessoais na Capela: roupas, objetos ou retratos de sua vida familiar. Suas relíquias são os ex- votos. Objetos que dão sentido religioso ao espaço, indicando a presença, a ida e vinda dos devotos, pagando promessas. Isabel Maria da Conceição não foi a única mulher a ser vítima do seu cônjuge no Brasil, no Ceará ou em Guaraciaba do Norte. Assassinada à beira do precipício e jogada serra abaixo na frente do seu único filho pelo próprio marido foragido da justiça, o martírio desta mulher atraiu a piedade de seus conterrâneos, também pelo fato do assassino ter ficado impune.

Vimos que o povo interpretou como sendo o primeiro milagre de Isabel Maria o fato de seu corpo não ter caído no precipício, mas ficado preso nos galhos de uma árvore. O

<sup>16</sup> MESQUITA, Alice Maria de. Casada, 77 anos, aposentada. Residente na Rua Maestro Vicente Marques nº 779 em Guaraciaba do Norte, Ceará. Entrevista realizada em sua residência no dia 07 de Maio de 2014.

<sup>17</sup> VALE, Télia Bandeira. Doméstica, casada, 45 anos. Residente na Rua Mons. Eurico, s.n. Centro, Guaraciaba, Ceará. Entrevista realizada no dia 20 de julho de 2011.



segundo fato interpretado como miraculoso foi o de seu filho ter conseguido retornar sozinho do local do crime a Guaraciaba do Norte. Estes milagres foram difundidos oralmente pelos seus devotos. Eles erigiram uma cruz – embora sem marcar seu nome nem sua data de morte – no lugar onde Isabel Maria da Conceição foi assassinada e este passou a ser a referência espacial da devoção à santa.

Mais tarde foi construída a capela em homenagem à santa e para abrigar os devotos e suas práticas. Na capela, foi colocada uma memória escrita sobre Isabel e um retrato seu feito à mão, com traços que idealizavam os traços da mulher que ia sendo construída na memória do povo. O retrato era acompanhado da inscrição “Mártir de Guaraciaba do Norte”, e a oração que contava sua morte, exemplificava sua condição de santa das mulheres espancadas e traídas.

## 5. REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. **Gabriela Cravo e Canela**. 1ª edição. Livraria Martins Editora, São Paulo, 1958. p. 21.

ANDRADE, Solange Ramos de. **A Religiosidade Católica e a Santidade do Mártir**. Projeto História, São Paulo, n.37, p. 237-260, dez. 2008. p. 242.

ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente**. Trad. Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Ediouro. 2003.p. 231.

ARAÚJO, Marcela Cardoso Schütz de; SCHÜTZ, Hebert Mendes de Araújo; DIAS, Fernanda Martins. A aplicabilidade da Lei Maria da Penha na proteção da violência contra a mulher. In: **Âmbito Jurídico**, Rio Grande, XV, n. 96, jan 2012. Disponível em: [http://www.ambitojuridico.com.br/site/?n\\_link=revista\\_artigos\\_leitura&artigo\\_id=11065&revista\\_caderno=3](http://www.ambitojuridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=11065&revista_caderno=3). Acesso em junho 2020.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Trad. Ephraim Ferreira Alves. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. p.88.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**. Entre práticas e representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. 2ª Edição. Memória e História. DIFEL. P. 16-17.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir. **Nascimento da Prisão**. Tradução de Raquel Ramalheite. 14ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1996. p.126.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder**. Organização, Introdução e Revisão Técnica de Roberto Machado. 15ª. ed. Graal. p. 22.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros**. Verdadeiro, falso, fictício. Tradução de Rosa Freire d’ Aguiar e Eduardo Brandão. – São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p.7.

\_\_\_\_\_. **Olhos de madeira**: nove reflexões sobre a distância. Trad.



Eduardo Brandão. São Paulo. Companhia das Letras, 2001. p. 85.

HERMANN, Jacqueline. **No reino do desejado**. A construção do sebastianismo em Portugal (séculos XVI e XVII). São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 12.

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 91-92.

JÚNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. “No Castelo da História só há processos e metamorfoses, sem veredicto final”. In: **História: A Arte de inventar o passado**. Ensaio de teoria da História. EDUSC (s/d., p.72).

JURKEVICS, Vera Irene. **Os santos da Igreja e os santos do povo: devoções e manifestações de religiosidade popular**. Tese de doutorado, Setor de Ciências Humanas Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004. p. 154-155.

LEVI, Giovanni. **A Herança Imaterial**. Trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII. Tradução Cynthia Marques de Oliveira. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

MAIA, Michelle Ferreira. **Lembrança de Alguém: A construção das memórias sobre a santidade de João das Pedras**. Fortaleza - CE: Imprensa Universitária – Universidade Federal do Ceará. 1ª ed., 2010.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. “Maria degolada: a moça alegre que virou Santa”. In.: **Os Sete Pecados da Capital**. São Paulo: Hucitec, 2008. p.345.

PRIORE, Mary Del. **Matar para não morrer**. A morte de Euclides da Cunha e a noite sem fim de Dilermando de Assis. Editora Objetiva. p.12. ISBN 978-85-390-0027-2.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **O verbo encantado: a construção do Pe. Cícero no imaginário dos devotos**. Ijuí: Unijuí, 1998. p.25.

REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 92.

SÁEZ, Oscar Calavia. **Fantasma falados: mitos e mortos no campo religioso brasileiro**. Campinas: Ed. Unicamp, 1996. p.32.

SCHNEIDER, Marília. **Memória e história** (Antoninho da Rocha Marmo). São Paulo: T. A. Queiroz, 2001. p. 68.

SAMUEL, Raphael. **Teatros da memória**. *Projeto História*, São Paulo, n. 14, fev.

